

### **As coisas têm suas intenções; eu, as minhas.**

Piranha e Wagner Schwartz a partir de Festival Danseur de Charleroi Danses / La Raffinerie

#### **Onde a coisa está? Onde você está?**

Perguntas objetivas têm o tamanho de uma réplica. Uma citação, um parágrafo escrito por algum outro pensador, em algum ponto específico da história, poderia dar conta de uma resposta. Mas essa pergunta tem um sujeito e eu não posso me esquecer do trabalho constante em expandir o espaço daquilo que os outros chamaram por “eu”.

Em uma apresentação de Piranha na Europa, um profissional da equipe técnica do teatro me disse que não poderia escutar um barulho como aquele que saía pelos alto-falantes sem pensar no meu jeito de ser. Para ele havia um atrito essencial entre as duas coisas, mesmo que tivesse estado comigo apenas durante uma tarde de trabalho. Ele não conseguia suportar os barulhos que escutava, apenas aquele “eu” que estava no palco.

Essa afirmação faz parte de um acordo entre “o que eu penso” e a presença de uma das milhares formas de um corpo existir. A necessidade de se convencer de uma presença parece mais forte que reconhecer aquela que existe; e, se ela não pertence a uma cronologia de afirmações, melhor duvidar.

Um estrangeiro vive nas bordas das comparações, porque o discurso (ainda) precisa se manter no movimento daquilo que se configura enquanto gesto, como se um (ainda) pertencesse ao agenciamento do outro. Ambas as coisas existem: o discurso, o gesto; mas, entre todas as coisas e outras mais.

Saber onde “eu” estou, nesse caso, seria reproduzir uma relação cronológica, antecipadora com o meu trabalho, seu percurso. E como, para mim, ambos não são reconhecidos como estrangeiros, não posso responder essa pergunta agora; daqui a pouco, talvez. Porque um trabalho artístico precisa de tempo e espaço para construir seu jeito de ser. É ele quem decide onde vai estar, não “eu”.

#### **Como a coisa dança? Como você dança?**

Uma coreografia de impressões pode ser escrita apenas entre o fluxo de várias línguas. Nos lugares de passagem, um corpo que não existe apenas como “eu” experiencia o vocabulário que se forma entre as linguagens claras e as despercebidas. O ambiente de um nova relação se constrói a partir da intensidade que o corpo vive a projeção da força que as coisas emanam.

*– As coisas têm suas intenções; eu, as minhas. Foi assim que a Piranha se livrou do valor de uma complexidade. – Alguém decidiu nomear a função dos argumentos no mundo; e, não fui “eu”, esse monstro simbólico, quem o fez. Antes do meu pensamento chegar até aqui, cada uma das coisas apareceram no seu tempo de invenção. Elas se livraram da vida dos outros, das recomendações, dos precipícios que nem sempre existem e parecem tão misteriosos quanto a vontade de cair. Atirar-se, por alguns segundos, pode significar “apagar uma luz”.*

#### **Quando a coisa dança? Quando você dança?**

Quando a percepção se torna uma palavra com pouca experiência.

**Wagner Schwartz** [www.wagnerschwartz.com] Trabalha com arte contemporânea, dança e literatura, entre São Paulo e Paris. Seus projetos problematizam as relações artísticas e seu percurso.